A PRÉ-HISTÓRIA

A Península Ibérica começou a ser povoada pela espécie humana há aproximadamente um milhão de anos. Durante centenas de milhares de anos, tantos quantos os do Período Paleolítico, estes primitivos habitantes levaram uma existência de nómadas, vivendo dos animais que caçavam e das espécies vegetais que colhiam.

Cromeleque dos Almendres
Évora

Assim, evoluindo da caverna para a palafita e a terramára, e da nomadização caçadora para os primórdios da agricultura, o homem peninsular entrou, durante o Período Neolítico, na sedentarização e na organização da vida comunitária.

Como traço mais representativo dos inícios da presença do homem naquele que viria a ser o território português, distingue-se o legado representado pelas culturas funerária e do vaso campaniforme, bem como pelos vestígios que se ligam com os diferentes períodos da idade dos metais.

Citânia de Briteiros
Guimarães

Porém, é no que nos resta dos monumentos deixados pela cultura Castreja que podemos encontrar os sinais mais primitivos dos antepassados remotos do povo português. Pertencendo a grupos populacionais originários da região Caucasiana, os Iberos estabeleceram-se na Península, provavelmente, entre o segundo e o primeiro milénio antes de Cristo. Aqui se misturaram, cerca de oitocentos anos antes de Cristo com os povos Indo-Europeus chamados Celtas, constituindo com estes e com outros povos originários do norte de África o amalgama geralmente conhecido como povos Celtibéricos.

OS LUSITANOS E A ROMANIZAÇÃO

Conhecedores do ferro e da exploração metalúrgica por influência Celta, os Celtiberos, sobretudo os que habitavam

Ruínas de Conímbriga
Condeixa-a-Nova

relações de carácter comercial e cultural com Fenícios Gregos e Ligures, envolvendo-se de seguida no conflito que opondo Romanos e Cartagineses, acabou por trazer aqueles à Península Ibérica.

Foi precisamente durante este conflito, conhecido como guerras púnicas, que o mais conhecido antecessor do povo português, o povo Celtibero dos Lusitanos, se distinguiu na luta contra Roma chamando sobre si as atenções da Republica e do Império.

Vencidos e romanizados, os Lusitanos, que tiveram em Viriato e Sertório os seus chefes mais ilustres, sofreram as invasões bárbaras que se sucederam à queda de Roma, formando especialmente com Suevos e Visigodos a chamada população Hispano-Romano-Goda, no futuro território português.

Estátua a Viriato
Viseu

AS INVASÕES ÁRABES

No início do século oitavo, mais precisamente em setecentos e onze, os Muçulmanos do norte de África invadiram e conquistaram a quase totalidade da Península Ibérica, convertendo-a inicialmente numa província do califado de Damasco a que chamaram Al-Andaluz. Unido ou fragmentado consoante as permanentes guerras tribais que retalharam desde sempre o mundo Islâmico, grandioso como califado de Córdoba ou terrivelmente enfraquecido como um mosaico de reinos de Taifas, o Andaluz começou a ser reconquistado para a Cristandade, ainda durante o século oitavo, pelos Hispanos-Romano-Godos que se tinham refugiado nas Astúrias.

Igreja Visigoda de S. Frutuoso
Braga

A RECONQUISTA CRISTÃ

Arranca daqui a Reconquista Cristã da Península, que alcançou o coração do actual território português no reinado de Fernando Magno, ilustre monarca a quem chamaram o

Medina de Arzila
Marrocos

primeiro imperador das Espanhas. Inicialmente centrado em torno da actual cidade do Porto, e sucessivamente alargado aos territórios de Entre Douro e Minho, e Entre Douro e Mondego, aquele que viria a ser o espaço físico do Portugal metropolitano, mereceu de Afonso VI de Leão e Castela uma especial atenção, intimamente ligada com a realidade militar da Reconquista Cristã da Península.

Estátua a Vímara Peres
Porto

O CONDADO PORTUCALENSE

Devido ao sucessivo vai e vem do traçado da fronteira do território Cristão, sempre sujeito aos azares da guerra, o primitivo espaço português foi, nos meados do século XI, constituído em Condado e entregue à governação do Conde D. Henrique de Borgonha, e de sua mulher a Infanta D. Teresa, filha bastarda de Afonso VI. Conflitos dinásticos e sucessórios, permanentemente agravados pela constante actividade militar dos Muçulmanos sobre a linha de fronteira, levaram ao choque entre D. Teresa e sua irmã e suserana a Rainha D. Urraca, e ao despertar dos sentimentos de liberdade e independência dos povos que, entre Minho e Mondego constituíam então o potencial humano do Condado Portucalense.

Estátua a Mumadona Dias
Guimarães

Alarmados pela ligação sentimental de D. Teresa a Fernão Peres de Trava, materializada após a morte do Conde D. Henrique, os nobres Portucalenses encontraram no jovem Infante D. Afonso Henriques, filho primogénito dos senhores do Condado, o líder e a bandeira do imparável movimento de independência, há muito sonhado pelos povos de Entre Minho e Mondego.

Túmulo do Conde D. Henrique
Braga

Vendo ameaçada a sua soberania sobre o Condado Portucalense, Afonso VII de Leão e Castela, depois coroado Imperador das Espanhas, tudo fez para travar e impedir o

movimento independentista dos seus vassalos Portucalenses. Porém, animado e apoiado pela quase totalidade do Clero, da Nobreza e do Povo do Condado, D. Afonso Henriques assumiu a chefia da rebelião que estalou no território Portucalense, em muito provocada pela crescente influência Galega junto da Infanta D. Teresa.

Túmulo da Condessa D. Teresa
Braga

D. AFONSO HENRIQUES E SÃO MAMEDE

Como resultado do conflito que opunha D. Afonso Henriques aos partidários de sua mãe e do Senhor de Trava, os portugueses, que devotadamente apoiavam o moço Infante, enfrentaram, comandados por este, os barões da Galiza que invadiram o Condado no Verão de 1128.

Igreja de S. Miguel do Castelo
Guimarães

Foi nos campos de São Mamede, em Guimarães, que se deu o encontro decisivo entre os parciais da Galiza e de Portugal, ali se travando em 24 de Junho daquele ano uma batalha que terminou com a vitória de D. Afonso Henriques e dos portugueses, nela se distinguindo, não só os cavaleiros da Nobreza de Entre Douro e Minho, mas muito especialmente as milícias municipais de Guimarães, maioritariamente constituídas pelos Burgueses e pelo Povo das aldeias e vilares da região.

Campo da Ataca
Guimarães

Foi esta a “primeira tarde de Portugal” e dela data, para muitos autores, a independência da Pátria, e o início da governação de D. Afonso Henriques como nosso primeiro Rei.

Estátua a D. Afonso Henriques
Guimarães